



## BRUNO - ALEGRIA\*

Ápio Campos

1

A vida é triste no seu tempo  
que os homens despetalaram  
Caem as flores do poema  
sobre a tumba da alegria  
Bruno foi, mas Bruno fica  
na boca a estrela do riso  
brilhando na dor da rua  
por onde os passos sambando  
espirram melancolia  
na rua um rio de lembrança  
de esquecimento, também  
vamos passear na vida  
enquanto a morte não vem.

\* O poema de Ápio Campos foi escrito em 1974 para a homenagem que, no Carnaval, o Rancho Não Posso Me Amofiná prestou ao poeta Bruno de Menezes, por ser do Jurunas, bairro onde nasceu.

No meio do batuque  
 se esgueira do Poeta a voz e o vulto  
 balança o samba no braço  
 ciança no seu regaço  
 o corpos se desmantelam  
 o coração descomprime  
 mãos-que cruzam os ares  
 pernas-serpentes se enlaçam  
 mulheres em bamboleios  
 sacodem quadris e seios  
 chove sobre as fantasias  
 confetes e melodias  
 e frenesi saltitante  
 passos comandam a folia  
 baques nadam como peixes  
 nas ondas da bateria  
 o som nos corta em pedaços  
 pandeiros lâminas de aço  
 o tum-tum penetra fundo  
 cada mão bate no mundo  
 energias libertadas  
 pingam das carnes suadas  
 salta a angústia da goela  
 saltam os pés na passarela  
 o medo é branco e parado  
 o samba é preto e requebrado  
 tédio não vai à avenida  
 a paixão é sacudida  
 não adianta me dizer  
 que a morte vai chegar  
 Não posso me amolecer  
 “Não posso me amofiná”

Belém é donzela  
 quanto mais cresce fica mais bela  
 Belém que todos nós amamos  
 com uma paixão de cabanos  
 Belém da luz do mercúrio  
 Que ilumina o palácio e deixa escuro o tugúrio  
 Belém de Telepasa

que ouve vozes de longe e não ouve os poetas de casa  
Belém das largas avenidas  
aterradas e asfaltadas:  
tenho horror do aterro que aterra o buraco  
E o passado  
Sinto asco do asfalto que salta por cima  
de coisas que nos fazem falta  
pelo asfalto nos chega o assaltante

O aterro aterra o buraco  
não aterra a nostalgia  
dessa Belém em versos cantou  
O asfalto recubra o solo  
não recubra o samba quente  
que o povo solto na rua  
em poema transformou  
que o grito das britadeiras  
não suplante o som da cuíca  
que o peso deste progresso  
não esmague o Ver-o-Peso  
que o cheiro das novidades  
não cheira mais que o suor  
que os edifícios não subam,  
mais alto que o carimbó.

4

Nesta Belém de sempre e de saudade  
as brumas da tristeza não apagam  
a memória de Bruno  
uma lua sonâmbula percorre  
as altas madrugadas do Poeta  
a procura do povo e do batuque  
ao lado de Candunga  
dizendo reza e pagando promessa  
pra São Benedito da Praia  
Bruno abrindo-se em brandura  
pelo povo avoante  
chorando sobre o destino  
de Maria Dagmar.

Bruno abrasado e abrasivo  
na cadência dos ranchos e dos blocos  
Bruno brilhante  
nos sonetos ebúrneos auribrunidos  
Bruno bravoso  
dos brasões tropicais desta nobreza  
da alegria do povo bem nascida  
na toada do samba embriagada  
Bruno brunivalente Bruno bom  
Brunivivente  
na estória do Boi-Bumbá  
Bruno nunca soube o que é tristeza  
e nem pôde jamais se amofiná.

5

Por isso cantamos Bruno  
em ritmo de batucada  
seu nome letra de samba  
sua memória toada  
sua saudade conosco  
de noite de madrugada

Não posso esquecer seu canto  
sua alegria sem fim  
época dentro da noite  
delírio de tamborim  
não posso apagar a chama  
mesmo se a noite acabar  
não posso parar o samba  
mesmo se a morte chegar  
a folia não termina  
quando o mundo terminar  
não posso me entristecer  
“não posso me amofiná”.